

EDITORIAL

Fenomenologia e escuta clínica

Toda escuta *atenta* é erótica. A-tentar significa, ao mesmo tempo, perder a *tensão* que nos mantinha re-tesados a uma miríade de distrações, para adquirir a a-tenção que nos *impulsiona* na direção de uma única coisa. O *eros* dessa a-tenção é o poder que nos mantém contidos na *tensão* serena daquilo que importa. Isso que importa é o que *inter-essa* e, por isso, pode sintonizar-nos ao tom *ou* à tensão de uma *tonalidade afetiva*. Assim, quando escutamos entregues à vida do outro, que se abre com liberdade diante de nós, tornamo-nos partícipes dela – consanguíneos. A escuta é, dessa forma, o que nos *im-porta* para *dentro* (*inter-*) da vida, para o seu modo de *ser* (*-esse*), *inter-essando-nos*. Escutar, nesse sentido, é obedecer, i.e., ser por inteiro uma entrega, um abandono de si, ser “todo ouvidos”, ou melhor, ser todo um *corpo* que ouve, escuta, ausculta a-tento e silente durante o caminho que atravessa a conversa – o *método*. Na clínica, a erótica dessa escuta a-tenta perfaz os encontros e desencontros de toda conversa, de toda relação; da mesma forma que é ela que perfaz os encontros e desencontros dos relacionamentos mais variados do cotidiano. Contudo, esse modo de escutar é o que há de mais raro no dia a dia, mas é aquilo que precisa ser a-tentamente buscado pelo clínico. Isso que nos apela a escutar/olhar novamente, dando a-tenção à *coisa*, é a experiência de pensamento que se realiza na *Fenomenologia*; por essa razão, o título desse número conjuga *Fenomenologia e escuta clínica*.

Esse modo de ser por inteiro o *corpo* de uma escuta constituirá a “profundidade da conversa” sobre a qual discorrerá o primeiro texto: *A temporalidade na convivência amorosa* de Emmanuel Carneiro Leão, Professor Emérito do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. O texto de Carneiro Leão foi construído, na verdade, a partir de transcrições de aulas ministradas por ele acerca do pensamento de Binswanger, na década de 1970. As aulas foram cuidadosamente compiladas e organizadas pelo Prof. Dr. Romulo Pizzolante, a fim de atender a nossa temática. O texto que será apresentado na abertura deste número refere-se às aulas 6^a, 7^a e 8^a de uma série de 69 aulas que versam sobre o título supracitado no início deste parágrafo. Dessa maneira, o artigo seguirá sem o rigor acadêmico preconizado pelas normas estabelecidas pela ABNT, sem deixar, contudo, de ser rigoroso quanto à grandeza do pensar filosófico.

Os demais artigos deste número estão distribuídos de acordo com a ordem alfabética da autoria, pois todos seguem – além do padrão de artigo acadêmico – o fio

condutor de uma mesma temática que a cada vez se ata ao nó do problema da escuta fenomenológica. Dessa forma, os textos não possuem uma linearidade complementar, mas uma circularidade integrativa que repete criativa e insistentemente a mesma questão. Ademais, todos os autores e autoras, que se dedicaram ao tema proposto pela revista *Arquivos do IPUB*, possuem larga experiência em torno da Fenomenologia e desenvolvem estudos e pesquisas em universidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

Agradecemos às editoras da revista *Arquivos do IPUB*, Professoras Lígia Maria Costa Leite e Maria Tavares Cavalcanti, o acolhimento generoso do nosso tema.

A partir de agora, o leitor segue sozinho, perfazendo a seu modo o caminho acenado por este primeiro número da revista *Arquivos do IPUB* em que se buscou recordar um primado da clínica. Assim percorrido, esperamos que este trabalho possa tornar-se um diapasão que afine de novo o nosso escutar.

Eduardo da Silveira Campos

Myriam Moreira Protasio